



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Compártilha Igual 4.0 Internacional.

Elaine Meire Vilela 

Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

elainevilela@fafich.ufmg.br

1. *Esse artigo é fruto de uma pesquisa sobre a inserção de imigrantes internacionais na região Sudeste do Brasil nos últimos 50 anos, financiada pela FAPEMIG.*

Artigo recebido em:

03/03/2023

Artigo aprovado em:

03/05/2023

Artigo publicado em:

10/07/2023

Análise comparativa da inserção de imigrantes internacionais no mercado de trabalho na região Sudeste do Brasil, ao longo de 50 anos¹

Comparative analysis of the labor market integration of international immigrants in the Southeast region of Brazil over 50 years

Análisis comparativo de la inserción de inmigrantes internacionales en el mercado de trabajo en la región Sudeste de Brasil, a lo largo de 50 años

Analyse comparative de l'insertion des migrants internationaux sur le marché du travail dans la région du Sud-est du Brésil pour une période de 50 ans

RESUMO

O intuito deste artigo é verificar se a situação socioeconômica de imigrantes internacionais no mercado de trabalho é diferente da dos brasileiros residentes na região Sudeste e, se sim, identificar qual ou quais grupos de imigrantes estão em pior ou melhor situação socioeconômica comparados aos brasileiros nativos. Para tanto, utilizo os dados dos censos demográficos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010. Os resultados evidenciam que não há um padrão quanto ao efeito do país de nascimento sobre as diferenças salariais ao longo do tempo e entre os Estados do Sudeste. Observo também que, independente do Estado em análise, imigrantes oriundos de países menos desenvolvidos, como, por exemplo, bolivianos tendem a estar em desvantagens no mercado de trabalho. Contudo, alguns casos chamam a atenção como, por exemplo, alemães no Espírito Santo.

PALAVRAS-CHAVE: imigrantes internacionais; mercado de trabalho; Sudeste do Brasil.

ABSTRACT

The purpose of this article is to examine whether the socioeconomic situation of international immigrants in the labor market differs from that of Brazilians residing in the Southeast region, to understand which groups of immigrants have a worse socioeconomic status than native Brazilians. I use data from the 1970, 1980, 1991, 2000, and 2010 censuses. The results show no pattern in the effect of country of birth on wage differentials over time and across states located in the Southeast region. It is also observed that immigrants from less developed countries, such as Bolivians, tend to be disadvantaged in the labor market, regardless of the state analyzed. However, some cases stand out, such as Germans in Espírito Santo.

KEYWORDS: international immigrants; labor market; Brazilian Southeast.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo verificar si la situación socioeconómica de los inmigrantes internacionales, dentro del mercado de trabajo, es diferente a la de los brasileños residentes en la región Sudeste de Brasil, en caso afirmativo se busca identificar cuáles grupos de inmigrantes se encuentran en mejores o peores condiciones en relación con los brasileños nativos. Para tal, se han utilizado los datos de los censos demográficos de los años 1970, 1980, 1991, 2000 y 2010. Los resultados muestran que no se presentan patrones que relacionen las diferencias salariales, a lo largo del tiempo, entre estados del Sudeste con los diferentes países de origen de los trabajadores inmigrantes. Se pudo observar también que, independiente del Estado analizado, inmigrantes de países menos desarrollados, como Bolivia, suelen encontrarse en desventaja en el mercado laboral, en contraste con la situación de inmigrantes de países como Alemania, quienes suelen tener mejores condiciones laborales, como observado en el Estado de Espírito Santo, por ejemplo.

PALABRAS-CLAVE: inmigrantes internacionales; mercado de trabajo; Región Sudeste de Brasil.

RÉSUMÉ

Le but de cet article est de vérifier si la situation socio-économique des migrants internationaux sur le marché du travail est différente de celle des brésiliens résidant dans la région du Sud-Est et le cas échéant, d'identifier leur situation économique par rapport à celle des brésiliens. Pour ce faire nous avons utilisé les données des recensements démographiques de 1970, 1980, 1991, 2000 et 2010. Les résultats ont montré qu'il n'y a pas de modèle quant à l'effet du pays de naissance sur les différences de salaires au fil du temps entre les états du Sud-Est du pays. Nous avons également observé que, quel que soit l'État analysé, les migrants des pays moins développés, dont les boliviens, ont tendance à être désavantagés sur le marché du travail. Cependant, certains cas attirent l'attention, comme les migrants allemands dans l'Etat de l'Espírito Santo.

MOTS-CLÉS: migrants internationaux ; marché du travail ; Région Sudeste du Brésil.



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Volume 3, n. 36
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

INTRODUÇÃO

A proposta principal deste estudo é uma análise comparativa temporal e espacialmente quanto à inserção de imigrantes internacionais no mercado de trabalho na região Sudeste do país. O interesse é compreender se há diferenças substanciais, ao longo de 50 anos, entre os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo quanto ao perfil socioeconômico e a situação dos imigrantes no mercado de trabalho, comparados aos brasileiros, no que se refere aos rendimentos auferidos no trabalho principal.

Este estudo é relevante porque, embora sejam muitos os estudos sobre migração no Brasil, são raros os comparativos e de série temporal. Além disso, grande parte desses estudos – de migrantes do e para o Brasil – tem como interesse os determinantes da migração, isso é, os motivos que levam certos indivíduos a deixarem seus locais de origem e irem para outro local. Eles tentam responder as seguintes questões: quem migra, de onde, para onde e porquê (cf. PATARRA, 1996a, 1996b; FAUSTO, 2000; MARTES, 2009; PATARRA; FERNANDES, 2011)?². Outros estudos buscam, também, verificar as consequências dessa migração, analisando as questões referentes às remessas, bem como às vantagens e desvantagens, para os locais tanto de origem quanto destino, da saída ou entrada de determinado contingente de pessoas (CASTRO, 2001; MARTES; SOARES, 2006; PATARRA; FERNANDES, 2011).

Há aqueles que, em número bem significativo, buscam entender a constituição das identidades, o contato e os conflitos interétnicos (cf. TRUZZI, 1997; BORGES, 2000; SEYFERTH, 2000a, 2002b; TRUZZI, 2000; VISCARDI, 2000; VILELA, 2002; TRUZZI, 2005). Há outros que têm como foco o mercado de trabalho, mas esses focam apenas em uma nacionalidade e, muitas vezes, em um destino específico (cf. SILVA 2006; BAENINGER, 2012; VILELA, 2011; TRUZZI, 1997, 2000). Além desses, é possível encontrar também um número considerável de trabalhos que busca compreender a situação de diversos imigrantes no mercado de trabalho comparando-os entre si ou com os brasileiros, mas o local de destino é considerado somente uma localidade, seja um estado, uma cidade ou o país como um todo. Brasil, São Paulo e Rio de Janeiro são as localidades mais analisadas. O estado de Minas Gerais, embora tenha uma importância no que se refere à entrada de imigrantes internacionais no país, já que é o terceiro estado de maior contingente de fluxo migratório, é desconsiderado em muitos estudos, assim como o estado do Espírito Santo (MELO; ARAÚJOA; MARQUES, 2003; VILELA, 2011a, 2011b; VILELA; COLLARES; NORONHA, 2015).

No que se refere à localização dos grupos de análise na hierarquia socioeconômica ocupacional, especificamente, as pesquisas também não são muitas, e, no caso de europeus e japoneses, as

2. Vale destacar que os estudos que focam na questão de porque as pessoas migram, buscam compreender tanto os efeitos das causas estruturais (como transformações no mundo global, a reestruturação produtiva, a divisão internacional do trabalho) quanto dos fatores individuais (como união familiar, ciclo de vida, questões profissionais) (SINGER, 1980; BRITO e BAENINGER, 2008).

poucas existentes referem-se ao período anterior a 1960 (ARANDES, 2000; CHRISTO, 2000; SAKURAI, 2000a; VISCARDIE, 2000; MELO; ARAÚJO; MARQUES, 2003; DOMINGUREZ, 2006; SOUZA, 2006; CÁNOVAS, 2009; CENNI, 2011). Quanto aos imigrantes mais recentes, como latinos, coreanos, chineses e norte-americanos, o número de estudo é bem menor do que aqueles referentes aos imigrantes antigos, exceto para o caso dos bolivianos no Brasil (CHOI, 1991; SILVA, 2005b, 2006; SOUCHAUD, 2010, 2012; BAENINGER, 2012).

Com o intuito de sanar essas falhas, proponho este estudo, que analisa comparativamente os estados da região Sudeste do país, a situação no mercado de trabalho (mensurado pelo rendimento no trabalho principal) de imigrantes internacionais de diversas nacionalidades, comparando-os uns com os outros e eles com os nativos. Para tanto, selecionamos alguns grupos de imigrantes que são importantes numericamente e que marcaram dois períodos distintos da história dos fluxos migratórios para o Brasil, quais sendo: antes de 1970, os principais fluxos migratórios para o país são de portugueses, italianos, espanhóis, alemães, japoneses e libaneses – o que chamamos aqui de imigrantes “antigos”; após essa data, reduz-se a entrada desses no Brasil e aumentam, consideravelmente, os fluxos migratórios de argentinos, bolivianos, chilenos, americanos, coreanos e chineses – denominados neste estudo de imigrantes “recentes”³.

REVISÃO TEÓRICA

São diversas as abordagens teóricas que buscam compreender a situação de imigrantes internacionais no mercado de trabalho da sociedade hospedeira. As principais são: a) mercado segmentado; sistema global; *middleman*; enclave étnico; economia étnica⁴. Independente do foco que cada uma dessas teorias estabelece, o que elas permitem compreender é que a situação dos imigrantes internacionais no mercado de trabalho é explicada tanto por fatores contextuais/estruturais (de origem – por exemplo, se vem de país desenvolvido ou em desenvolvimento, se vem de uma migração de crise – e de destino – por exemplo, o grau de desenvolvimento do país; qual unidade federativa; se metrópole ou não; taxa de desemprego; período de entrada; entre outras medidas do destino) quanto por características individuais (como sexo, idade, idade ao migrar, nível educacional, cor/raça/etnia, estado civil) (VILELA, 2011; VILELA; COLLARES; NORONHA, 2012; NORONHA; VILELA; CAMPOS, 2019).

No que diz respeito a fatores estruturais, Van Tubergen, Maas e Flap (2004) e Kesler e Hout (2010) chamam atenção para o processo de informalização que experimentam os países desenvolvidos e em desenvolvimento que provoca transformações no mundo do trabalho, a saber: tendência geral à terceirização, elevação das taxas de desemprego, precarização do emprego assalariado impactando a forma de inserção dos imigrantes internacionais no mercado de

3. Vale destacar que, mais recentemente, os grupos que vêm se destacando no país são de haitianos e venezuelanos, mas como os dados utilizados neste estudo são dos censos demográficos brasileiros de 1960 a 2010, esses grupos ainda não apareciam como relevantes no estoque de imigrantes. Outro ponto a ressaltar é que há outros grupos que são significativos no país, como, por exemplo, libaneses, paraguaios, peruanos e uruguaios. Mas preferi selecionar apenas aqueles com números de estoque mais significantes em todos os censos.
4. Para maiores informações sobre essas teorias, ver Vilela (2011) e Vilela, Collares e Noronha (2012).



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 36
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

trabalho (PEIXOTO, 2008; GUIMARÃES, 2009; RIVERO, 2009)⁵. No caso do Brasil, Patarra (1996, 2011) e Baeninger (2012) ressaltam o impacto da reestruturação produtiva sobre o mundo do trabalho, acarretando uma situação de maior precarização para os trabalhadores e principalmente os imigrantes.

Outro ponto a destacar é que os estudos internacionais mais recentes discutem mais sobre o efeito da origem do imigrante sobre a sua inserção no mercado de trabalho do que o destino. Ou seja, quando se analisa diversos grupos de imigrantes de origens diferentes com um destino semelhante, observa-se que, depois de controladas as características dos indivíduos e do local de destino, bem como a situação do mercado, a origem mantém alta correlação com a localização do indivíduo na estrutura hierárquica socioeconômica. Verifica-se que alguns grupos de imigrantes se encontram em vantagem e outros em desvantagem, dependendo do grupo de origem de referência, mantendo todo o resto constante (JONG; MADAMBA, 2001; VAN TUBERGEN; MAAS; FLAP, 2004).

Os estudos nacionais sobre o assunto demonstram que a situação dos imigrantes internacionais no mercado de trabalho brasileiro ou de outra localidade em específico, é heterogênea, como demonstrado com maior evidência nos estudos de Vilela (2011), Vilela, Collares e Noronha (2015); Sala (2005), Melo, Araújo e Marques (2003) e Cánovas (2009). Também considerando os estu-

dos expostos, podemos inferir que: a) há grupos em vantagens e em desvantagens no mercado de trabalho quando comparados com os nativos brasileiros e quando comparados entre eles (MELO; ARAÚJO; MARQUES, 2003; SOUZA, 2006; VILELA, 2008, 2011; CÁNOVAS, 2009; VILELA; COLLARES; NORONHA, 2015; NORONHA; VILELA; CAMPOS, 2019); b) em geral, os imigrantes antigos – alemães, italianos e libaneses – são os que se encontram em vantagem, quando comparados com portugueses, espanhóis e japoneses (TRUZZI, 1991, 1997; MELO; ARAÚJO; MARQUES, 2003; SOUZA, 2006; VILELA, 2011b); c) coreanos são um grupo que também se apresenta em uma situação privilegiada no mercado de trabalho brasileiro, quando comparados com brasileiros, chilenos, bolivianos e chineses, por exemplo (CHOI, 1991; VILELA, 2011; FREITAS, 2009); d) os latinos são os grupos em maior desvantagem, exceto para o caso dos argentinos (BONASSI, 2000a; SOUCHAUD, 2010, 2012; VILELA, 2011a; BAENINGER, 2012); e) entre aqueles, são os bolivianos que se encontram em pior situação socioeconômica no mercado de trabalho brasileiro e os argentinos em melhor (SILVA, 2005b, 2006; VILELA, 2011a), isso quando eles são comparados com os brasileiros nativos em geral, se comparados com nordestino, o contexto se inverte como evidenciado na pesquisa de Noronha, Vilela e Campos (2019).

Com isso, podemos inferir que há discriminação no mercado de

5. Isso não quer dizer que os imigrantes de maneira geral se insiram no mercado informal de trabalho. É necessário pontuar que determinados grupos de imigrantes estão inseridos em certos nichos de trabalho que são marcados pela formalidade do vínculo empregatício, como o caso de haitianos e senegaleses no Sul do país.

trabalho brasileiro baseada na origem nacional e que alguns grupos são discriminados positivamente e outros negativamente no país. Isso porque, mantendo tudo constante, há grupos étnicos/nacionais que recebem salários piores que outros, dado sua origem étnico/nacional.

O que tais estudos permitem afirmar é que os atributos produtivos e as variáveis de significado social dos imigrantes, como, por exemplo, nível educacional, experiência no mercado de trabalho, sexo, cor/raça, bem como o contexto do local de destino afetam a situação socioeconômica do imigrante, mas a origem étnico/nacional também. Isto é, mantido todo o resto constante, a origem do imigrante tem impacto sobre o rendimento do indivíduo. Vale destacar a questão de uma hierarquia global em que a posição do imigrante na estrutura do mercado de trabalho na sociedade hospedeira expressa a posição que seu país de origem ocupa na divisão internacional do trabalho.

Contudo, a partir dos estudos expostos, há evidências de que nem todos os grupos de imigrantes de países desenvolvidos estão em vantagem socioeconômica e nem todos os grupos de imigrantes de países em desenvolvimento estão em desvantagem, como exposto por pesquisas anteriores, demonstrando que a origem étnico/nacional é um fator a ser considerado. Dessa forma, é possível afirmar que as vantagens ou desvantagens vivenciadas pelos grupos de imigrantes pode ser explicado em parte pela discriminação sofrida pelos imigrantes no

mercado de trabalho devido sua origem étnica/nacional.

Tal discriminação pode ser compreendida pela análise, por exemplo, da política migratória brasileira que, ao longo da história, demonstra que há grupos desejáveis e indesejáveis⁶ pela sociedade brasileira (BONASSI, 2000b; SALES; SALLES, 2002; VILELA; SAMPAIO, 2015). Isto é, a política migratória brasileira sempre foi seletiva e os imigrantes desejáveis são os de países desenvolvidos, de cor branca e qualificados. Dessa forma, a desejabilidade ou não pode impactar na inserção dos imigrantes no mercado de trabalho (BONASSI, 2000b; SALES; SALLES, 2002).

Outra explicação para tal discriminação encontra-se no que Borjas (1986) chama de discriminação estatística, quando empregadores e/ou clientes levam em consideração atributos não produtivos, como raça, gênero e origem étnica/nacional ao realizarem as trocas de salário/compra por produto.

Contudo, vale destacar que os estudos não deram a devida atenção ao local de destino do imigrante e ao contexto da época. Considerando que tanto o destino quanto o contexto da época têm efeitos sobre a inserção do imigrante no mercado de trabalho, espero identificar situações diferenciadas para um mesmo grupo étnico/nacional entre estados diferentes e ao longo do tempo. Além disso, busco verificar se as vantagens ou desvantagens se mantêm ao longo do tempo e se são semelhantes entre os

6. *Os imigrantes desejáveis ou indesejáveis, neste caso, não são aqueles imigrantes que Seyferth (2005) se refere quando diz respeito à formação do país (em fins do século XIX), mas sim os imigrantes de países desenvolvidos ou em desenvolvimento, do norte ou do sul global.*



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 36
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

7. *A idade mínima de 25 anos é selecionada neste estudo porque, em geral, pessoas nessa faixa etária têm grande probabilidade de já terem concluído seus estudos, estando mais propensas a estarem inseridas no mercado de trabalho; a idade máxima de 60/65 anos deve-se ao fato de serem essas as idades de aposentadoria dos homens no Brasil entre os anos de 1970 e 2000 (60 anos) e 2010 (65 anos). Essa ideia não descarta aqueles que estudam e trabalham ao mesmo tempo, mas tenta evitar que classifiquemos, como desocupados, os indivíduos que estejam estudando e não trabalhando.*
8. *A definição de imigrante usada neste estudo (tanto para interestadual quanto para internacional) é aquela de Sayad (1998, p. 54-55), isto é, "um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito". Nesse caso, não importa o tempo de residência do indivíduo no território de destino, o imigrante será sempre um imigrante.*

diferentes destinos desses imigrantes. Essas questões ainda não foram analisadas em trabalhos anteriores.

METODOLOGIA DE ANÁLISE

Para realização do estudo, utilizo dados dos censos demográficos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No caso dos censos, os dados referem-se à subamostra de ocupados e desocupados, entre 25 e 60/65 anos⁷. É importante lembrar que os dados censitários sobre imigração internacional tendem a ser subestimados, já que há um grande número de imigrantes indocumentados vivendo no país e que, por esse motivo, possivelmente não são computados pelo censo demográfico oficial. Os números sobre tais imigrantes são desconhecidos, mas se sabe que o de latino-americanos é bem maior do que os apresentados pelas estimativas e levantamentos oficiais, sendo o caso dos bolivianos o mais expressivo (SALA, 2005; SILVA, 2006; MARTES, 2009). Portanto, os resultados mostrados aqui são limitados, uma vez que se referem, em geral, aos imigrantes regulares/documentados.

Este estudo trabalha com doze grupos de imigrantes⁸ internacionais, a saber: argentinos, bolivianos, chilenos, americanos, japoneses, chineses, coreanos, portugueses, alemães, italianos, espanhóis e libaneses. A seleção de tais grupos deve-se ao fato de serem esses os imigrantes de maior representatividade no

Brasil pós-1960, tanto no que se refere ao estoque quanto à entrada no país ao longo das décadas analisadas. Compõem também a subamostra deste estudo os brasileiros natos. Esse é o principal grupo de referência para a análise comparativa.

Antes de entrarmos propriamente nos modelos de análise, apresentamos as variáveis que os constituem. O Quadro 1 sintetiza as variáveis utilizadas nos modelos, com suas formas e descrições. Nele encontram-se as variáveis dependente e independentes (de teste e de controle), conforme a literatura revisada. Vale lembrar que nem todas as variáveis são incluídas em todos os modelos, pois há variáveis que têm em um censo, mas não está contida em outro, exemplos são as variáveis fator de deficiência e urbano.

Destacamos que, como forma de facilitar a leitura e discussão do tema de interesse desta pesquisa, são aprofundadas as discussões apenas acerca da variável de teste (origem étnica/racial) utilizada nesses modelos. Ressaltamos também que demonstramos, nas tabelas das regressões, somente os resultados significativos estatisticamente. No caso do ano de 1980, não há dados referentes à variável rendimento no trabalho principal de forma contínua, apenas categórica e com poucas categorias. Por esse motivo, não foi aplicado o modelo Heckman de logaritmo de salário para o ano de 1980. Só fizemos a análise descritiva das categorias.

Com intuito de corrigir um possível viés de seletividade

da amostra, foi realizado para os modelos de análise do logaritmo de rendimento salarial, o modelo de regressão sugerido por Heckman (1979). O autor indica a utilização de um modelo de regressão com duas equações simultâneas, uma linear e uma *logit*, para correção de casos possíveis de viés seleção nas amostras. No caso desse estudo, o viés pode ocorrer se selecionarmos apenas

os casos de indivíduos que trabalham, excluindo os desocupados, já que, segundo o autor, os indivíduos que estão fora do mercado de trabalho têm motivos não observados que, indiretamente, podem influenciar os salários daqueles que estão empregados.

A partir disso, definimos os modelos Heckman finais com os seguintes formatos de equações:

MODELO

$$Y = \ln(\text{Logaritmo de Rendimento Trabalho Principal})_i = \beta_0 + \beta_1 X_1 + \beta_k X_k, \text{ select Log} \left[\frac{P}{1-P} \right] \\ = \beta_0 + \beta_1 X_1 + \dots + \beta_k X_k + \varepsilon$$

Onde,

Y = logaritmo do rendimento no trabalho principal

P = probabilidade de Y = 1 (do indivíduo estar ocupado)

1 - P = probabilidade de Y = 0 (do indivíduo não estar ocupado)

β_0 = probabilidade de ocorrência do evento quando todo X (variáveis independentes) for igual a zero (intercepto)

$\beta_1 X_1 + \dots + \beta_k X_k$ = variação do efeito das variáveis explicativas.

ε = erro estocástico

Vale destacar que, como a análise é ao longo do tempo e espacial, o modelo exposto é aplicado para cada ano e cada estado da região Sudeste separadamente, bem como um para essa região como o todo por ano dos censos.

OS RESULTADOS DA PESQUISA

Antes de apresentarmos as análises mais avançadas sobre os imigrantes internacionais no mercado de trabalho brasileiro, apresento uma análise descritiva quanto ao número relativo no país e nos estados e a situação no mercado de trabalho. O que podemos verificar é que há um declínio no peso percentual dos imigrantes internacionais analisados neste

estudo na região Sudeste, passando de 3,53% em 1970, para 2,33% em 1980, 1,13% em 1991, 0,66% em 2000 e 0,33% em 2010. Como já esperado, há uma queda considerável no estoque de imigrantes antigos e um crescimento, ainda que modesto, nos números dos imigrantes recentes residentes na região Sudeste.

Quanto às localidades de residência dos grupos em estudo, o estado de São Paulo detém percentuais de 50% ou mais para todos os grupos em análise e durante todo o período observado, inclusive para brasileiros (a exceção é para o ano de 1970, em que a proporção de residentes em São Paulo é de 45%). Para coreanos e japoneses esse percentual chega acima de 90% de 1970 a 2010.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 36
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

Quadro 1. Descrição das variáveis usadas na estimação dos modelos, Heckman, logístico e linear.

Variáveis dependentes e independentes – Modelo Heckman		
Variáveis da regressão linear (segundo passo)		
Variáveis	Tipo de Variável	Descrição
Variável dependente		
Log de salário	Contínua	Logaritmo de rendimento na ocupação principal
Variável independente de teste		
Origem étnico/nacional		
<i>Italiano (X1)</i>	Binária	Italiano = 1 e brasileiro = 0
<i>Espanhol (X2)</i>	Binária	Espanhol = 1 e brasileiro = 0
<i>Alemão (X3)</i>	Binária	Alemão = 1 e brasileiro = 0
<i>Japonês (X4)</i>	Binária	Japonês = 1 e brasileiro = 0
<i>Português(x5)</i>	Binária	Português = 1 e brasileiro = 0
<i>Argentino (x6)</i>	Binária	Argentino = 1 e brasileiro = 0
<i>Boliviano (x7)</i>	Binária	Boliviano = 1 e brasileiro = 0
<i>Chileno (x8)</i>	Binária	Chileno = 1 e brasileiro = 0
<i>Coreano (x9)</i>	Binária	Coreano = 1 e brasileiro = 0
<i>Chinês (x10)</i>	Binária	Chinês = 1 e brasileiro = 0
<i>Libanês (x11)</i>	Binária	Libanês = 1 e brasileiro = 0
<i>Estadunidense (x12)</i>	Binária	Estadunidense = 1 e brasileiro = 0
Variáveis independentes de controle		
Gênero (X13)	Binária	Homem = 1 e Mulher = 0
Solteiro (X14)	Binária	Solteiro = 1 e Casado/separado/viúvo = 0
Branca* (X15)	Binária	Branca (inclui brancos e amarelos) = 1 Não branca (inclui preto, pardo e indígena) = 0
Estados da Região Sudeste		
<i>Rio de Janeiro (X16)</i>	Binária	Rio de Janeiro = 1 e São Paulo = 0
<i>Minas Gerais (X17)</i>	Binária	Minas Gerais = 1 e São Paulo = 0
<i>Espírito Santo (X18)</i>	Binária	Espírito Santo = 1 e São Paulo = 0
Urbano** (X19)	Binária	Urbano = 1 e rural = 0
Idade_cen (X20)***	Discreta	Idade atual do indivíduo em anos (centralizada pela média)
Idade_cen² (X21)	Discreta	Idade atual do indivíduo em anos (centralizada pela média) ao quadrado
Protestante (X22)	Binária	Protestante = 1 e católico = 0
Outra religião (x23)	Binária	Outra religião = 1 e católico = 0
Sem religião (x24)	Binária	Sem religião = 1 e católico = 0
Escolaridade		
<i>Sem escolaridade (X25)</i>	Binária	Sem escolaridade = 1 Superior = 0
<i>Ensino Fundamental (X26)</i>	Binária	Fundamental = 1 Superior = 0
<i>Ensino Médio (X27)</i>		Médio = 1 Superior = 0
Fator de deficiência**** (X28)	Binária	Tem deficiência = 1 não tem deficiência = 0
Empregador (X29)	Binária	Empregador/autônomo = 1 empregado assalariado = 0
LogHorasTP (X30)	Contínua	Logaritmo Natural das horas trabalhadas na semana no Trabalho Principal
Variáveis usadas apenas no modelo logístico do Heckman, além das acima expostas (primeiro passo)		
Posição no domicílio*****		
<i>Cônjuge (X31)</i>	Binária	cônjuge = 1 e responsável = 0
<i>Filho (X32)</i>	Binária	filho = 1 e responsável = 0
<i>Outra posição (33)</i>	Binária	outra posição = 1 e chefe = 0
Empregabilidade	Binária	Empregado = 1 e desempregado = 0

* Não existe tal informação no censo de 1970. Por isso, essa medida não é considerada na análise estatística para o referido ano.

** Essa informação para o censo de 1991 encontra-se com problemas. Por isso, não a utilizamos no modelo estatístico e nem na análise descritiva para esse ano.

*** Para solucionar o problema de autocorrelação entre a variável referente à idade e à idade ao quadrado, foi realizada a centralização dessas variáveis, que consiste na subtração da idade pelo valor de sua média da amostra analisada (sendo essa a idade centralizada).

**** Essa medida é apresentada apenas nos censos de 1991 e 2010.

***** Essa variável entra somente no modelo logístico porque tomamos como pressuposto a ideia de que ela pode ter efeito sobre o fato do indivíduo estar ou não empregado (o chefe do domicílio

teria uma responsabilidade maior, talvez, do que os outros membros da família de estar empregado), mas não no rendimento ou no status sócio-ocupacional a ser obtido no emprego.

O segundo estado com maiores proporções de imigrantes na região Sudeste é o Rio de Janeiro. Essa localidade é de grande importância para os imigrantes portugueses que apresentam os percentuais de 46% em 1970 e 39% em 2010 e americanos com 36% e 33%, nos respectivos anos. A terceira Unidade da Federação com maiores percentuais de imigrantes internacionais é Minas Gerais. Vale destacar que esse território vem se tornando uma atração para os imigrantes nas últimas décadas. Isso pode ser visualizado pelo crescimento, ao longo do tempo, nos percentuais dos imigrantes internacionais residentes no estado. Ressaltamos os casos, por exemplos dos alemães (que saem de um patamar de 3,8% em 1970, para 12,8% em 2010); dos argentinos (que partem de 2,8% em 1970, para 10,6% em 2010) e dos americanos (com 7% em 1980, para 14,9% em 2010). No caso do Espírito Santo, os percentuais de imigrantes são muito baixos, mesmo no caso dos imigrantes alemães que têm um histórico de fluxo migratório para a região. Os alemães não chegam a 2% em 2010 e, no caso de 1970 e 1980, não chegam a 1%.

Em uma análise descritiva, considerando a participação dos indivíduos no mercado de trabalho, verifico que há um número bastante significativo de pessoas em idade de 25 a 60/65 anos inativos no mercado. Isso é significativo para todos os grupos e em todos os anos, principalmente para argentinos em 1970. Outro ponto a ressaltar é que o percentual de

desocupados é baixo em todos os grupos e em todos os anos. Mas vale destacar que, no ano de 2000, a proporção de desocupados é a mais alta para todos os grupos.

Ao analisar sobre a proporção de empregadores, verificamos que é dentro dos grupos de coreanos, libaneses, portugueses e chineses que se encontram as maiores proporções ao longo dos anos. Mais uma vez, chamamos atenção para o ano de 2000. É nele que há o maior percentual de empreendedores para os grupos de italianos, espanhóis, portugueses, americanos, bolivianos, chilenos e alemães. São os brasileiros que detêm, em geral, os menores percentuais de empregadores, comparados aos outros grupos em todos os anos analisados (Gráfico 1).

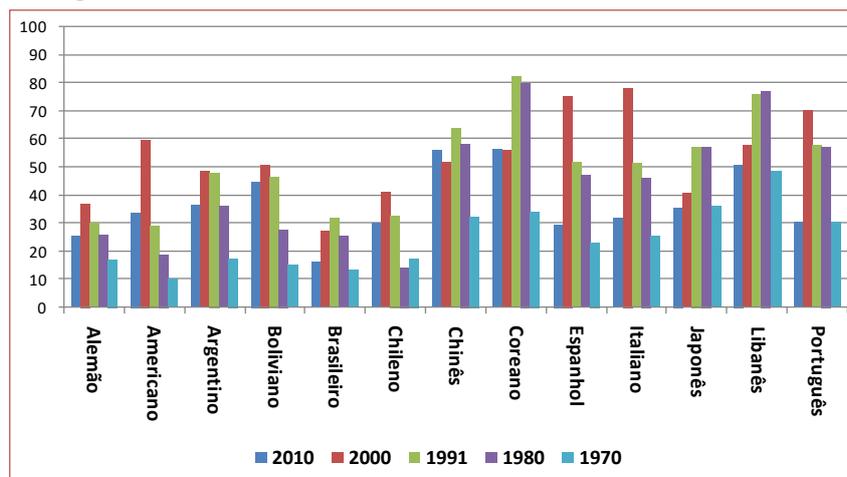
No que diz respeito aos rendimentos, as médias salariais no trabalho principal mudam bastante entre os grupos de imigrantes, mas são os brasileiros que mantêm as piores médias para todos os anos. Depois dos brasileiros, encontram-se os bolivianos, chilenos ou portugueses, os quais apresentam as mais baixas médias de rendimento, dependendo do ano em análise. Entre os imigrantes, em geral, são os americanos e alemães que possuem as melhores médias, seguidos ou por argentinos ou coreanos, dependendo do ano em foco (Gráfico 2; Gráfico 6). Como pode ser observado, os valores dos rendimentos salariais no trabalho principal são referentes ao valor real para cada ano. Não foi feita uma compatibilização dos rendimentos, através de uma deflação dos rendimentos.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 36
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

Gráfico 01. Empreendedor: distribuição percentual dos grupos étnicos/nacionais quanto ao empreendedorismo, por ano do censo na região Sudeste



Fonte: IBGE (2010, 2000, 1991, 1980 e 1970). Dados trabalhados pelos autores.

A partir dessa análise descritiva podemos identificar que há diferenças consideráveis entre os grupos de imigrantes e entre esses e os brasileiros quanto a situação no mercado de trabalho na sociedade hospedeira, considerando todos os anos analisados. O que os dados descritivos sugerem é que são os nativos que apresentam uma situação mais precária no mercado de trabalho, quando a renda salarial mensal é considerada. Em geral, os imigrantes internacionais têm melhores médias salariais, em todos os estados e anos analisados.

As explicações para essas diferenciações podem ser encontradas na diversidade dos perfis sociodemográficos, bem como na localidade de residência/trabalho, no tempo de residência no país⁹ e na origem étnico/nacional dos indivíduos. Por exemplo, os indivíduos com maiores níveis educacionais tendem a receber melhores rendimentos e ocuparem posições de maior prestígio na hierarquia ocupacional; homens encontram-se

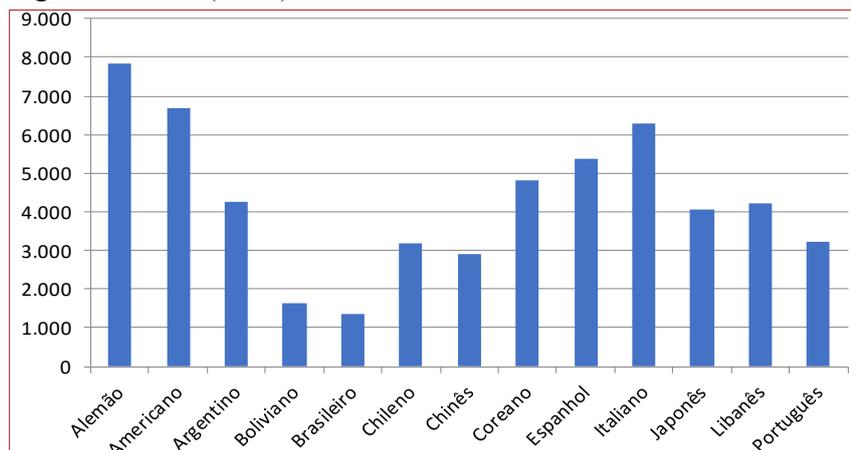
em situações de maiores vantagens socioeconômicas do que mulheres no mercado de trabalho como demonstrado pela literatura. Em outras palavras, os estudos de estratificação e da inserção econômica dos imigrantes no destino demonstram que fatores como, por exemplo, educação, experiência no mercado de trabalho, sexo, raça, local de residência, religião, origem étnico/nacional, entre outros são fatores que explicam as heterogeneidades dos indivíduos no mercado de trabalho (cf. HASENBALG; VALLE SILVA, 2003; RIBEIRO, 2003, 2007; AGUIAR, 2007; VAN TUBERGEN, 2004; VILELA, 2011; VILELA; COLLARES; NORONHA, 2015).

Mas como o interesse deste estudo é verificar como origem étnica/nacional impacta na situação dos imigrantes internacionais no mercado de trabalho na região Sudeste do Brasil ao longo do tempo, proponho, a seguir, controlar a diversidade no perfil dos indivíduos e verificar se origem

9. Vale destacar que essa variável "tempo de residência no destino", embora seja possível ser construída pelos dados dos censos, não é utilizada na análise de regressão porque os grupos de imigrantes são comparados com brasileiros. No caso desse último grupo, não existe essa variável. Contudo, ressaltamos que, ainda que a variável tempo de residência não esteja sendo mensurada de forma explícita e direta, a mesma está sendo considerada, já que o seu peso explicativo se encontra nos resíduos do modelo estatístico de análise.

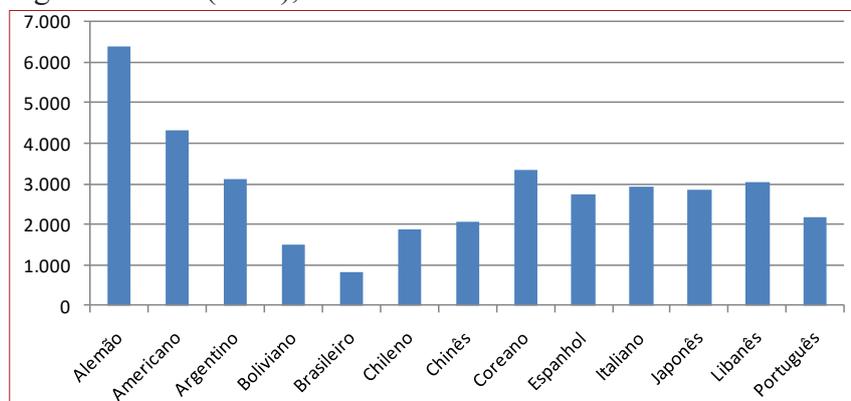
étnica/nacional tem efeito sobre essas diferenciações salariais. Ou seja, mantendo todo o resto constante (tais como, por exemplo, educação, idade do indivíduo, sexo, cor, local de moradia e outros fatores), buscando verificar como origem étnica/nacional afeta a posição na hierarquia socioeconômica do indivíduo no mercado de trabalho (mensurada pelo rendimento salarial no trabalho principal), considerando o local de destino.

Gráfico 02. Média de rendimento por grupo étnico/nacional na região Sudeste (2010), em reais mensais



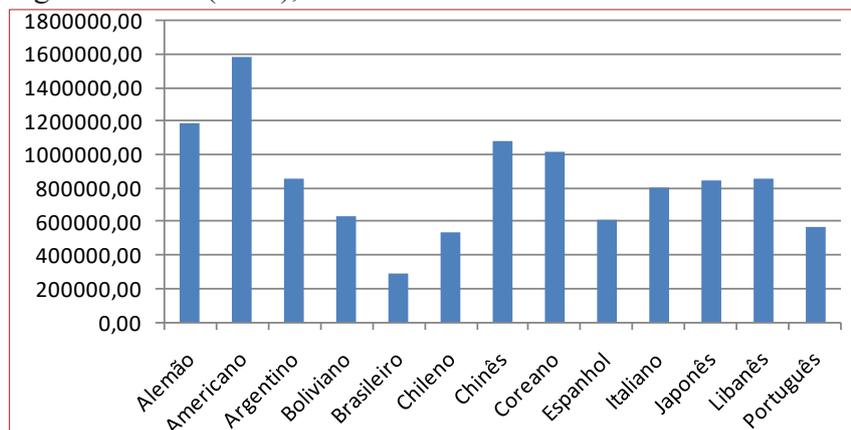
Fonte: IBGE (2010). Dados trabalhados pelos autores.

Gráfico 03. Média de rendimento por grupo étnico/nacional na região Sudeste (2000), em reais mensais



Fonte: IBGE (2000). Dados trabalhados pelos autores.

Gráfico 04. Média de rendimento por grupo étnico/nacional na região Sudeste (1991), em cruzeiros mensais



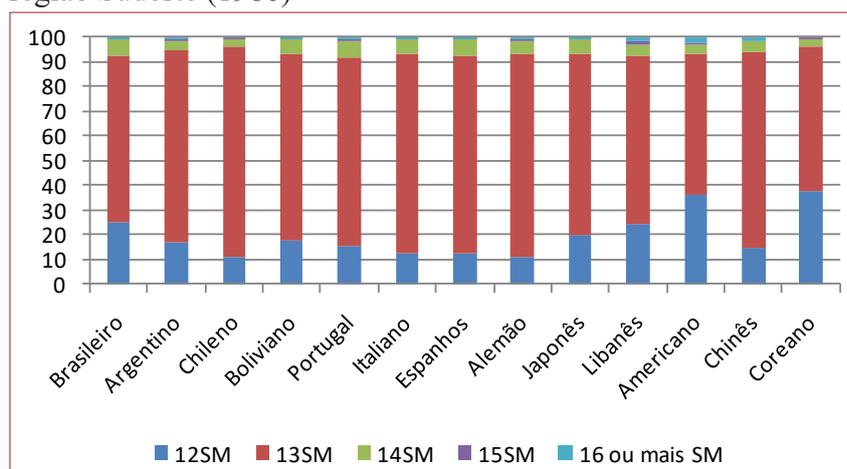
Fonte: IBGE (1991). Dados trabalhados pelos autores.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

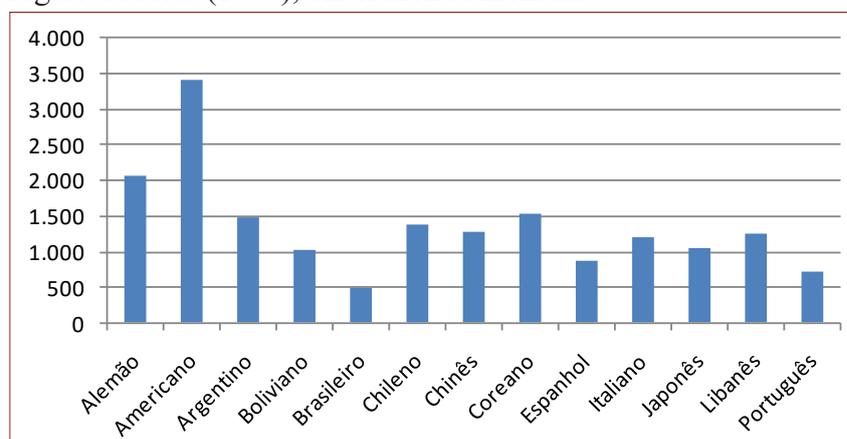
Volume 3, n. 36
 Julho-Dezembro, 2023
 ISSN: 2175-3709

Gráfico 05. Faixa de rendimento por grupo étnico/nacional na região Sudeste (1980)



Fonte: IBGE (1980). Dados trabalhados pelos autores.

Gráfico 06. Média de rendimento por grupo étnico/nacional na região Sudeste (1970), em cruzeiros mensais



Fonte: IBGE (1970). Dados trabalhados pelos autores.

RENDIMENTO MENSAL NO TRABALHO PRINCIPAL

O fator que utilizo para analisar a situação do imigrante no mercado de trabalho é o rendimento mensal no trabalho principal. Essa é, quiçá, a medida mais utilizada, embora não seja a melhor para mensurar sucesso ou insucesso dos indivíduos no mercado de trabalho. No caso deste estudo, examino o efeito da origem étnica/nacional sobre os rendimentos dos membros de tais grupos. Em outras palavras, mantendo todo o resto constante, qual (se positivo ou negativo) e quanto é o efeito da origem sobre a renda do trabalho principal.

Podemos verificar que, na região Sudeste, os efeitos de origem sobre rendimentos são estatisticamente significativos e que são positivos para os imigrantes internacionais de forma geral. Em outras palavras, esses grupos de imigrantes recebem, em média, melhores salários que os brasileiros. A exceção é apenas para os bolivianos em 2010, que têm, em média, rendimentos inferiores ao dos brasileiros em 17%. Analisando os destaques por ano, em 1970 são os portugueses que apresentam

uma renda bem superior (138%) comparada a dos nativos. Já em 1991, são os americanos que se destacam na diferença positiva, com um percentual de 124% maior do que a renda média dos brasileiros. Para o ano de 2000, a ênfase fica com os coreanos (105%) e, em 2010, os alemães é que apresentam a maior vantagem.

Ao verificarmos os resultados para São Paulo, os achados são semelhantes aos expostos acima. Todos os imigrantes, em geral, têm melhores resultados econômicos no mercado de trabalho

quando comparados aos nativos, exceto os bolivianos no ano de 2010 que, em média, têm salários inferiores em 19% ao dos brasileiros. Os grupos que apresentam maiores salários são alemães, americanos, coreanos, japoneses e libaneses. Ressaltamos que japoneses, alemães, italianos e espanhóis sustentam essas vantagens durante todo o período analisado.

Vale destacar a situação dos bolivianos que antes de 2010 não era diferente da dos brasileiros, mas em 2010 passa a apresentar desigualdades salariais, com desvantagem para aquele grupo.

Tabela 01. Valores estimados em percentuais do efeito de origem sobre o logaritmo de salário dos indivíduos - Sudeste (2010, 2000, 1991 e 1970)

	2010	2000	1991	1970
Alemão	75%***	64%***	95%***	49%***
Americano	45%***	79%***	124%***	48%***
Argentino	22%***	28%***	35%***	30%***
Boliviano	-17%***			
Chileno	16%***		8%**	
Chinês	24%***	60%***	41%***	
Coreano	74%***	105%***	49%***	
Espanhol	39%**	33%***	45%***	20%***
Italiano	49%***	41%***	56%***	30%***
Japonês	33%***	82%***	60%***	36%***
Libanês	36%***	69%***	61%***	25%***
Português	32%***	41%***	42%***	138%***

** significância a 5%.

*** significante a 1%. As células em branco são as que não foram estatisticamente significantes.

Fonte: IBGE (2010, 2000, 1991 e 1970). Dados trabalhados pelos autores.

Tabela 02. Valores estimados em percentuais do efeito de origem sobre o logaritmo de salário dos indivíduos - São Paulo (2010, 2000, 1991 e 1970)

	2010	2000	1991	1970
Alemão	161%***	88%***	98%***	50%***
Americano	32%***	95%***	114%***	
Argentino	33%***	36%***	46%***	
Boliviano	-19%***			
Chileno	21%***		7%**	
Chinês	24%***	51%***	45%***	
Coreano	79%***	107%***	52%***	
Espanhol	39%**	32%***	54%***	24%***
Italiano	65%***	30%***	62%***	26%***
Japonês	26%***	79%***	61%***	34%***
Libanês	41%***	71%***	68%***	
Português	39%***	43%***	47%***	

** significância a 5%.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 36
 Julho-Dezembro, 2023
 ISSN: 2175-3709

*** significante a 1%. As células em branco são as que não foram estatisticamente significantes.
Fonte: IBGE (2010, 2000, 1991 e 1970). Dados trabalhados pelos autores.

Tabela 03. Valores estimados em percentuais do efeito de origem sobre o logaritmo de salário dos indivíduos - Minas Gerais (2010, 2000, 1991 e 1970)

	2010	2000	1991	1970
Alemão			36%***	110%***
Espanhol			96%***	63%***
Português	39%***	33%**	63%***	57%***
Italiano		75%***	92%**	68%***
Libanês		95%***	91%***	59%***
Coreano				
Japonês	114%***	116%***	91%***	54%**
Chinês				
Americano	42%**		185%***	219%***
Chileno				
Argentino	44%***			
Boliviano				

** significância a 5%.

*** significante a 1%. As células em branco são as que não foram estatisticamente significantes.
Fonte: IBGE (2010, 2000, 1991 e 1970). Dados trabalhados pelos autores.

Tabela 04. Valores estimados em percentuais do efeito de origem sobre o logaritmo de salário dos indivíduos - Espírito Santo (2010, 2000, 1991 e 1970).

	2010	2000	1991	1970
Alemão	-100%***			
Espanhol				
Português			79%***	110%***
Italiano			160%***	
Libanês				
Coreano			543%***	
Japonês				
Chinês				
Americano				
Chileno				
Argentino				
Boliviano				

*** significante a 1%. As células em branco são as que não foram estatisticamente significantes.
Fonte: IBGE (2010, 2000, 1991 e 1970). Dados trabalhados pelos autores.

Tabela 05. Valores estimados em percentuais do efeito de origem sobre o logaritmo de salário dos indivíduos - Rio de Janeiro (2010, 2000, 1991 e 1970).

	2010	2000	1991	1970
Alemão			136%***	39%***
Espanhol	36%***		27%***	
Português	21%***	46%***	33%***	13%***
Italiano	34%***	97%***	37%***	39%***
Libanês				
Coreano				-97%***
Japonês			85%***	78%***
Chinês	40%***	128%**	38%**	
Americano	62%***		144%***	58%***
Chileno			32%**	
Argentino			20%**	59%***
Boliviano				

** significância a 5%.

*** significante a 1%. As células em branco são as que não foram estatisticamente significantes.
Fonte: IBGE (2010, 2000, 1991 e 1970). Dados trabalhados pelos autores.

Os imigrantes internacionais residentes no estado de Minas Gerais, majoritariamente, apresentam vantagens econômicas salariais frente aos brasileiros. Todos os grupos étnico/nacionais que têm os estimadores estatisticamente significativos para esse estado detêm estimadores positivos, o que demonstra a vantagem deles sobre os nativos. Os grupos com maiores vantagens, em geral, são alemães, americanos, japoneses, libaneses, espanhóis e italianos. Vale destacar que japoneses e portugueses mantêm essa vantagem ao longo do tempo.

Outro ponto a destacar refere-se às vantagens econômicas apresentadas por norte-americanos em Minas Gerais em 1970 e 1991. É o grupo de maior destaque positivo, frente aos brasileiros. Esse contexto evidencia uma situação de protagonismo desse grupo no estado, acarretando, talvez, em uma contracorrente (mineiros saindo do Brasil para os Estados Unidos), que teve seu florescimento nas décadas de 1980 e 1990 (SIQUEIRA, 2018).

Esse quadro se altera quando observamos os achados para o Espírito Santo. Em todos os anos, são poucos os grupos de imigrantes internacionais que apresentam diferenças salariais aos brasileiros. Além disso, chamamos atenção para o fato dos alemães que, de forma geral, apresentam vantagens frente aos brasileiros no mercado de trabalho nos outros estados, encontrarem-se, nesse estado, em desvantagem. Eles, em média, em 2010, recebem rendimentos inferiores em 100% ao dos brasileiros. Esse resultado leva-nos a pensar

em estudos futuros para entender essa situação mais precária dos alemães, comparados aos nativos, no Espírito Santo, em distinção a seus conterrâneos residentes em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. No que diz respeito aos grupos em vantagem sobre os autóctones, identificamos coreanos, italianos e portugueses em 1991, e os portugueses em 1970.

O Rio de Janeiro também apresenta certa vantagem dos imigrantes internacionais sobre os residentes nacionais. Todos (com apenas uma exceção) que apresentam estimadores estatisticamente significativos os têm positivos, demonstrando que, em média, seus rendimentos são superiores ao grupo de referência (brasileiros, no caso). A exceção é para os coreanos em 1970. Vale destacar os casos dos portugueses e dos italianos que mantêm a vantagem econômica em todos os anos analisados. Os grupos com as maiores médias salariais, por ano, são: japoneses em 1970, americanos e alemães em 1991, chineses em 2000 e americanos em 2010.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste artigo foi compreender se há diferenças substanciais, ao longo de 50 anos e entre os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo quanto à situação dos imigrantes no mercado de trabalho, no que se refere aos rendimentos no trabalho principal. O objetivo geral foi verificar se há desigualdades econômicas entre os imigrantes e entre esses e os nativos nos estados da região Sudeste e ao longo do tempo.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 36
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

Foi constatado que há desigualdades econômicas entre os imigrantes e os nativos brasileiros quanto aos rendimentos salariais. Entretanto, destaco que essas desigualdades podem gerar vantagem ou desvantagem para os grupos em análise, dependendo do local de destino dos imigrantes e dos anos em análise. Por exemplo, os alemães demonstram vantagens quanto aos rendimentos de uma forma geral, mas, quando analisamos suas condições no estado do Espírito Santo e para o ano de 2010, sua situação econômica, comparada a dos nativos, é bem pior. Em média, nessa localidade e nesse ano, eles recebem 100% menos que a média dos rendimentos salariais dos residentes nacionais. O contrário acontece com esses imigrantes nos outros estados e em outros anos. Outro exemplo são os bolivianos que, em geral têm rendimentos inferiores aos dos nativos brasileiros residentes em São Paulo no ano de 2010, mas não apresentam tais diferenças nesse mesmo estado para os outros anos e nem nos outros estados para ano nenhum em análise. Assim como coreanos no Rio de Janeiro em 1970 que tendem a ter piores rendimentos comparados aos brasileiros, mas o mesmo não ocorre nos outros anos para esse estado e para os outros estados de modo geral.

Dessa forma, podemos dizer que há alterações nos padrões de desigualdade econômica encontrados entre 1970 e 2010 para os grupos étnicos/nacionais em geral. São poucos os grupos que mantêm constante o padrão de

situação nos estados para todos os anos. Exemplos desses são alemães, espanhóis, italianos e japoneses em São Paulo; portugueses e japoneses em Minas Gerais; e portugueses e italianos no Rio de Janeiro, quando analisamos o logaritmo de salário.

Outro ponto a ressaltar é que o padrão não é sempre de vantagem para os imigrantes internacionais. Bolivianos em São Paulo e alemães no Espírito Santo, ambos no ano de 2010, bem como coreanos no Rio de Janeiro, mostram uma desvantagem salarial comparado aos brasileiros. Dessa forma, embora não haja uma homogeneidade geral na situação dos imigrantes comparada a dos brasileiros, podemos argumentar que, de maneira geral, os imigrantes internacionais se encontram em melhores situações no mercado de trabalho brasileiro, comparados aos nativos. Tais achados corroboram com os estudos mais atuais que afirmam que não há homogeneidade quanto à situação dos imigrantes no mercado de trabalho no destino e que a possibilidade de eles estarem em vantagem, bem como em desvantagem no mercado de trabalho, depende da origem e do destino (que expressam a divisão internacional do trabalho), bem como do ano, tal qual evidencia este estudo.

No que diz respeito ao efeito de origem sobre a situação socioeconômica do indivíduo no mercado de trabalho, os resultados mostram que esses são significativos em geral. Os grupos que demonstram maiores vantagens socioeconômicas

são aqueles originários de países mais desenvolvidos: americanos; alemães, japoneses e coreanos. Os que apresentam menor vantagem no mercado de trabalho brasileiro, estando, quiçá, até em desvantagem, são os oriundos dos países em desenvolvimento: bolivianos, chilenos e chineses. Tais achados corroboram os estudos anteriores que assumem que o grau de desenvolvimento do país de origem tem impacto, direto ou indiretamente, sobre a entrada e a situação em que se encontra o imigrante no país de destino, após a fixação de residência no país. Mas isso não quer dizer que todos os imigrantes do norte global estarão em vantagem ou todos do sul global estarão em desvantagem no mercado de trabalho, como evidencia este estudo, dado que o destino e o ano (variáveis

de contexto) em análise têm efeito sobre os resultados.

Por fim, vale destacar que este estudo suscita questões que podem ser fruto de trabalhos futuros. Exemplos de tais questões são: por que alemães apresentam uma pior inserção no estado do Espírito Santo do que em outros estados, embora a referida localidade tenha também sido palco de um histórico fluxo migratório desse grupo? São os nichos de imigrantes em determinados setores de atividade importantes para explicarem a situação de alemães, coreanos, bolivianos e outros grupos no mercado de trabalho? O quanto a situação dos imigrantes pioneiros pode explicar a posição dos novos imigrantes no mercado de trabalho? Essas e outras questões devem ser consideradas em trabalhos futuros. ●



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 36
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, N. O. *Desigualdades sociais, redes de sociabilidade e participação política*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- BAENINGER, R. A.; PATARRA, N. L. Mobilidade espacial da população no Mercosul: metrópoles e fronteira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 21, n. 60, p. 83-102, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092006000100005&script=sci_arttext
- BAENINGER, R. O. *Imigração boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.
- BONASSI, M. *Canta, América sem fronteira!:* imigrantes latinos americanos no Brasil. São Paulo: Loyola, 2000a. p. 225.
- BORGES, C. M. *Solidariedades e conflitos:* histórias de vidas e trajetórias de grupos em Juiz de Fora. Juiz de Fora: UFJF, 2000.
- BRITO, F.; BAENINGER, R. (org.). *Populações e políticas sociais no Brasil:* os desafios da transição demográfica e das migrações internacionais. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2008.
- CASTRO, M. G. Migrações internacionais e políticas: algumas experiências internacionais. In: CNPD (ed.). *Migrações Internacionais:* Contribuições para Políticas. Brasília: 2001. p. 15-33.
- CENNI, F. *Italianos no Brasil*. 3. ed. São Paulo: USP, 2011.
- CHOI, K. J. *Além do arco-íris:* a imigração coreana no Brasil. Dissertação (Mestrado em História Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: 1991. 285 p.
- CHRISTO, M. V. Italianos: trabalho, enriquecimento e exclusão. In: BORGES, C. M. (ed.). *Solidariedades e Conflitos:* Histórias de Vidas e Trajetórias de Grupos em Juiz de Fora, Juiz de Fora, p. 127-182, UFJF, 2000.
- CÁNOVAS, M. K. *Imigrantes espanhóis na paulicéia:* trabalho e sociabilidade urbana (1890-1922). São Paulo: Universidade de São Paulo - FAPESP, 2009.
- FAUSTO, B. *Fazer a América:* a imigração em massa para a América. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2000.

- FREITAS, P. D. *Imigração e experiência social: o circuito de subcontratação transnacional de força de trabalho boliviana para o abastecimento de oficinas de costura na cidade de São Paulo*. 2009. 198 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas: 2009.
- GUIMARÃES, N. A. *Desemprego, uma construção social: São Paulo, Paris e Tóquio*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. p. 203.
- HASENBALG, C.; VALLE SILVA, N. D. *Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.
- HECKMAN, J. J. Sample selection bias as a specification error. *Econometrica*, v. 47, n. 1, p. 153-162, 1979. Disponível em: <http://www.jstor.org/pss/1912352>
- JONG, G. D.; MADAMBA, A. B. A double disadvantage?: minority group, immigrant status and underemployment in the United States. *Social Science Quarterly*, v. 82, n. 1, p. 117-129, 2001.
- KESLER, C.; HOUT, M. Entrepreneurship and immigrant wages in US labor markets: a multi-level approach. *Social Science Research*, v. 39, n. 2, p. 187-201, mar. 2010. ISSN: 0049-089X. Disponível em: Go to ISI>://000274586600001
- MARTES, A. C.; SOARES, W. Remessas de recursos dos imigrantes. *Estudos Avançados*, v. 20, n. 57, p. 41-54, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-40142006000200004&script=sci_arttext
- MARTES, A. B. Velho tema, novos desafios: gestão pública da imigração. *Cadernos Adenauer*, v. X, n. 1, p. 9-27, 2009.
- MELO, H. D.; ARAÚJO, J. D.; MARQUES, T. N. Raça e nacionalidade no mercado de trabalho carioca na primeira República: o caso da cervejaria Brahma. *Revista Brasileira de Economia*, p. 535-569, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71402003000300003
- NORONHA, C. A.; VILELA, E. M.; CAMPOS, M. B. Quem leva a pior?: nordestino e bolivianos no mercado de trabalho paulista. *Revista Brasileira de Estudos de Populações*, v. 36, p. 1-25, 2019.
- PATARRA, N. L. Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneos: volumes, fluxos, significados e políticas. *São Paulo em Perspectiva*, v. 19, n. 3, p. 23-33, 2005.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 36
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

PATARRA, N. L.; BAENINGER, R. A. Mobilidade espacial da população no Mercosul: metrópoles e fronteiras. *Papeles de Población*, v. 42, p. 73-100, 2004.

PATARRA, N. L.; FERNANDES, D. Brasil: país de imigração? *Revista Internacional em Língua Portuguesa: Migrações*, v. III, n. 24, p. 65-96, 2011. ISSN: 21824452.

PATARRA, N. C. *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. 2. ed. São Paulo: FNUAP, 1996a.

PATARRA, N. *Migrações internacionais: herança XX, agenda XXI*. Campinas: FNUAP, 1996b. p. 278.

PEIXOTO, J. Imigração e mercado de trabalho em Portugal: investigação e tendências recentes. *Revista Migrações: Imigração e Mercado de Trabalho*, n. 2, p. 19-46, 2008.

RIBEIRO, C. C. Dois estudos de mobilidade social no Brasil. *Revista Brasileira Ciência Social* [online], v. 15, n. 44, p. 178-183, 2000. ISSN: 0102-6909. Disponível em: <http://www.scielo.br/scieloOrg/php/reference.php?pid=S0102-69092000000300011&caller=www.scielo.br>

RIBEIRO, C. C. Estrutura de classes, condições de vida e oportunidades de mobilidade social no Brasil. In: HASENBALG, C.; VALLE SILVA, N. D. (ed.). *Origens e Destinos: Desigualdades Sociais ao Longo da Vida*, Rio de Janeiro: p. 381-425, Topbooks, 2003.

RIBEIRO, C. C. *Estrutura de classe e mobilidade social no Brasil*. São Paulo: Edusc, 2007.

RIVERO, P. S. *Trabalho: opção ou necessidade? um século de informalidade no Rio de Janeiro*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

SAKURAI, C. Imigração japonesa para o Brasil: um exemplo de imigração tutelada. In: FAUSTO, B. O. (ed.). *Fazer a América*. 2. ed. São Paulo: USP, 2000a. p. 201-238.

SAKURAI, C. *Imigração tutelada: os japoneses no Brasil*. 191 f. (Doutorado no Departamento de Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas: 2000b.

SALA, G. A. *Características demográficas e sócio-ocupacionais dos migrantes nascidos nos países do Cone Sul residentes no*

- Brasil*. 243 f. (Doutorado Departamento de Demografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2005.
- SALES, T.; SALLES, M. R. *Política migratória: América Latina, Brasil e brasileiros no exterior*. São Paulo: IDESP, 2002.
- SEYFERTH, G. As associações recreativas nas regiões de colonização alemã no Sul do Brasil. *Travessia*, v. 34, p. 24-30, 1999.
- SEYFERTH, G. A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. In: FAUSTO, B. O. (ed.). *Fazer a América*. 2. ed. São Paulo: USP, 2000a. p. 273-314.
- SEYFERTH, G. Assimilação dos imigrantes no Brasil: inconstâncias de um conceito problemático. *Travessia*, v. 36, p. 44-50, 2000b.
- SEYFERTH, G. Estudo sobre a reelaboração e segmentação da identidade étnica. *Cadernos CERU*, v. 2, n. 13, p. 9-37, 2002.
- SEYFERTH, G. Imigração, preconceitos e os enunciados subjetivos dos etnocentrismos. *Travessia: Revista do Migrante*, v. 51, p. 5-15, 2005. DOI: <https://doi.org/10.48213/travessia.i51.716>
- SILVA, S. A. Costurando sonhos: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo. São Paulo: Paulinas, 1997.
- SILVA, S. A. A migração dos símbolos: diálogo intercultural e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo. *São Paulo em Perspectiva*, v. 19, n. 3, p. 77-83, 2005a.
- SILVA, S. A. *Bolivianos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005b.
- SILVA, S. A. Hispano-americanos no Brasil: entre a cidadania sonhada e a concedida. In: *Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas*. Brasília: CNPD, 2001. p. 489-502.
- SILVA, S. A. Imigrantes hispano-americanos em São Paulo: perfil e problemática. In: BOUCAULT, C. A.; MALATIAN, T. O. (ed.). *Políticas Migratórias: Fronteiras dos Direitos Humanos no Século XXI*. Rio de Janeiro: Renovar, 2003. p. 289-304.
- SILVA, S. A. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 20, n. 57, 2006.
- SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: MOURA, H. (org.). *Migração Interna: Textos*



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 36
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

Selecionados. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A., 1980.

SIQUEIRA, S. *Ligações Migratórias Contemporâneas*. Brasil, Estados Unidos e Portugal. 1. ed., v. 1, p. 286. Governador Valadares: Editora da Univale, 2018.

SOUCHAUD, S. A imigração boliviana em São Paulo. In: FERREIRA, A. A. (ed.). *A Experiência Migrante: entre Deslocamentos e Reconstruções*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 560.

SOUCHAUD, S. A confecção: nicho étnico ou nicho econômico para a imigração latino-americana em São Paulo? In: BAENINGER, R. O. (ed.). *Imigração Boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População - NEPO; Unicamp; FAPESP; CNPq; Unfpa, 2012. p. 75-93.

SOUZA, I. D. *Espanhóis: história e engajamento*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006. p. 103.

TRUZZI, O. S. *De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Sumaré, 1991.

TRUZZI, O. S. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 254.

TRUZZI, O. S. Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista. In: FAUSTO, B. O. (ed.). *Fazer a América*. 2. ed. São Paulo: USP, 2000. p. 315-352.

TRUZZI, O. S. *Sírios e libaneses: narrativas de história e cultura*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2005. p. 103.

VAN TUBERGEN, F.; MAAS, I.; FLAP, H. The economic incorporation of immigrants in 18 western societies: origin, destination and community effects. *American Sociological Review*, v. 69, n. 5, p. 704-727, 2004. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3593035>

VILELA, E. M. *Sírios e libaneses e o fenômeno étnico: os jogos de identidades*. (Mestrado do Departamento de Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2002.

VILELA, E. M. *Imigração internacional e estratificação no mercado de trabalho brasileiro*. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Curso de doutorado em Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. 166 p.

VILELA, E. M. Desigualdade e discriminação de imigrantes internacionais no mercado de trabalho brasileiro. *Dados: Revista de Ciências Sociais*, v. 54, n. 1, p. 89-129, 2011a.

VILELA, E. M. Sírios e libaneses: redes sociais, coesão e posição de status. *RBCS: Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, n. 76, p. 157-225, 2011b.

VILELA, E. M.; COLLARES, A. C.; NORONHA, C. A. Migrações e trabalho no Brasil: fatores étnico-nacionais e raciais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 30, p. 19-42, 2015.

VISCARDI, C. R. O cotidiano dos portugueses de Juiz de Fora (1840-1940). In: BORGES, C. M. (ed.). *Solidariedades e Conflitos: Histórias de Vidas e Trajetórias de Grupos em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: UFJF, 2000. p. 244.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 36
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709